



AS NOÇÕES DE “SENTIDO” (*SINN*) E DE “REFERÊNCIA” (*BEDEUTUNG*) FREGEANAS DAS SENTENÇAS ASSERTIVAS

Palavras-Chave: VALORES-DE-VERDADE, *GEDANKE*, PLATONISMO-FREGEANO

Autores(as):

MELISSA MOLKA, IFCH – UNICAMP

Prof. Dr. MARCO ANTONIO CARON RUFFINO (orientador), IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A pesquisa teve como objetivo geral investigar as questões epistêmicas e ontológicas envolvidas na tese de Frege sobre as noções semânticas de sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*) no campo das sentenças assertivas. Em “Sobre Sentido e Referência”, Frege apresenta a tese de que, assim como os nomes próprios (termos simples), as sentenças assertivas (termos complexos) possuem sentido e referência. No entanto, diferentemente dos nomes próprios, as sentenças expressam, como sentido, um pensamento (*Gedanke*) e têm como referência um valor de verdade (que, segundo Frege, são apenas dois: o Verdadeiro e o Falso). Em “O Pensamento”, texto publicado 26 após o ensaio “Sobre Sentido e Referência”, Frege desenvolve com maiores detalhes essa sua tese sobre as sentenças assertivas, apresentando, inclusive, a concepção de que ser verdadeiro e ser falso são propriedades de pensamentos, onde a sentença que expressa um pensamento verdadeiro tem como referência o Verdadeiro, e, conseqüentemente, a sentença que expressa um pensamento falso tem como referência o Falso.¹

Na ontologia de Frege, há dois tipos de entidades distintas: as funções (entidades insaturadas) e os objetos (entidades saturadas). Tanto as funções quanto os objetos são entendidas por Frege como entidades logicamente simples e que, por essa razão, não podem ser definidas. Nesse contexto, a linguagem é um dos recursos utilizados por Frege para tornar possível a identificação desses dois tipos de entidades e, conseqüentemente, distinguir uma da outra. Esse recurso mostra que tanto o pensamento quanto os valores de verdade são, na filosofia de Frege, objetos. No entanto, diferentemente dos objetos ordinários físicos (como árvore, pedra, etc.), esses objetos não podem ser acessados pelos nossos sentidos, pois são entidades abstratas. Contudo, diferentemente das ideias (*Vorstellung*), que são entidades abstratas subjetivas e que

¹ Cabe mencionar que Frege sustenta que o significado da palavra ‘verdadeiro’ parece ser algo *sui generis*, o que o leva a ter dúvida sobre se ela deve realmente ser considerada como uma propriedade. No entanto, por não dispor de algo mais apropriado para usar, ele acaba a considerando como tal.

dependem de um portador para existir, essas entidades são abstratas e objetivas, cuja existência independe de qualquer portador.

Essa concepção platônica de Frege sobre a existência dessas entidades abstratas e objetivas é fundamental para sua epistemologia realista, principalmente no que diz respeito à possibilidade de um conhecimento objetivo nas ciências. Pois segundo Frege, se tudo o que tivéssemos diante de uma sentença fossem apenas ideias, então nenhum conhecimento objetivo seria possível, nem mesmo o da matemática. Em “Os Fundamentos da Aritmética”, Frege, ao definir os números como objetos não sensíveis, já havia dado sinais desse seu platonismo. Porém, é somente no ensaio “O Pensamento” que Frege assume explicitamente uma concepção platônica ao defender a existência de três reinos, a saber: (1) o reino das entidades físicas e objetivas, ao qual pertencem os objetos ordinários (mesa, pedra, árvore, etc.); (2) o reino das entidades abstratas e subjetivas, ao qual pertencem as ideias (memórias, sentimentos, sensações, etc.); (3) o reino das entidades abstratas e objetivas, onde se encontram entidades como números, funções, valores de verdade, pensamentos, etc.

A pesquisa, portanto, ao estudar as noções de sentido e referência no contexto em sentenças assertivas, articula aspectos semânticos, epistêmicos, linguísticos e ontológicos da filosofia de Frege, onde, nesse percurso, acaba por estudar também sobre outras teses e questões centrais da filosofia fregeana, como a teoria dos nomes próprios; as noções de objetividade e subjetividade; a distinção entre função e objeto; a existência de um terceiro domínio; a possibilidade de um conhecimento científico objetivo; etc.

METODOLOGIA:

- Realização de exegese e fichamento dos seguintes textos de Frege: (1) “Função e Conceito” (1891); (2) “Sobre Conceito e Objeto (1892); (3) “Sobre Sentido e Referência” (1892); (4) “O Pensamento” (1918).
- Encontros semanais em grupo para leitura e discussão dos textos: (1); (2) e (4).
- Leitura de bibliografia secundária produzida por autores com reconhecida especialização na filosofia de Frege, tais como: Marco Ruffino; Michael Beaney; Tyler Burge; Michael Dummett.
- Leitura complementar de outras obras de Frege.
- Participação como ouvinte da disciplina de pós-graduação HF951 F ministrada pelo Prof. Dr.: Marco Ruffino, que ocorria semanalmente às sextas-feiras, durante o 2º semestre de 2024, no CLE/UNICAMP. A disciplina teve como ementa os textos póstumos de Frege.
- Produção de texto elaborada pela orientanda, enviada ao orientador e devidamente revisada pelo mesmo.

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÃO:

Na elaboração do presente projeto de pesquisa, estabelecemos três objetivos principais, formulados por meio das seguintes questões: (1) Qual a perspectiva de Frege sobre o pensamento? (2) O que realmente seria o reconhecimento de uma verdade em Frege? E qual a novidade quanto a sua concepção em vista de outros filósofos? (3) Como funciona a apreensão de objetos abstratos em Frege, tal como o pensamento e a verdade? Portanto, no que se segue, apresentaremos um breve texto com os resultados obtidos, i.e., com as respostas às questões propostas, bem como as principais discussões e conclusões desenvolvidas ao longo da pesquisa. Importa destacar que, por se tratar de uma pesquisa com abordagem filosófica, ao final do texto, iremos apresentar algumas questões identificadas durante o nosso trabalho, mas para as quais, devido às limitações de tempo da pesquisa, não tivemos a oportunidade de oferecer possíveis respostas.

Em “Sobre Sentido e Referência”, Frege defende que as sentenças expressam pensamentos (*Gedanken*), os quais são considerados como um tipo de sentido (*Sinn*), e possuem referências (*Bedeutungen*). Dessa forma, enquanto um nome próprio como ‘Aristóteles’ tem como sentido o modo de apresentação da sua referência, a saber, da pessoa Aristóteles, uma sentença como ‘Aristóteles escreveu a *Ética a Nicômaco*’ tem como pensamento o modo de apresentação da sua referência, a saber, do objeto o Verdadeiro. Isso porque Frege, através do princípio que ficou conhecido na literatura como *o princípio da substitutibilidade da referência*, defende que as sentenças assertivas têm como referência valores de verdade, dos quais há somente dois valores: o Verdadeiro e o Falso.

Ainda com relação às noções de sentido e referência, algo interessante é que, no ensaio “Digressões Sobre Sentido e Referência”, Frege torna explícita a sua tese de que a cada expressão funcional também corresponde um sentido e uma referência. Essa formulação é interessante porque nos permite compreender que o pensamento é uma entidade composta pelo sentido de uma expressão funcional com o sentido de um nome, visto que fenômeno da insaturação e o de cair sob ocorrem em três níveis, a saber: da linguagem; da referência; e do sentido. Então, por exemplo, o sentido do nome ‘Aristóteles’, que nada mais é que o modo de apresentação da referência, cai sob o sentido da expressão funcional ‘x escreveu a *Ética a Nicômaco*’, que nada mais é que o modo de apresentação da expressão funcional, onde o sentido da expressão funcional ao ser preenchido nos devolve um pensamento.

No ensaio “O Pensamento”, depois de uma discussão bem fundamentada, Frege defende que ser verdadeiro e ser falso são propriedades de pensamentos. Ou seja, não é, por exemplo, uma sentença como ‘Aristóteles escreveu a *Ética a Nicômaco*’ que é verdadeira, mas sim o pensamento expresso por ela. Assim, uma sentença que expressa um pensamento verdadeiro terá como referência o Verdadeiro e aquela que expressa um pensamento falso terá como referência o Falso. Além disso, nesse ensaio, Frege defende a chamada teoria da verdade como redundância, pois para ele, o predicado ‘verdadeiro’ nada acrescenta a uma proposição em termos de conteúdo, i.e., nada acrescenta ao pensamento. Diante desse contexto, poderíamos nos perguntar: qual seria, de fato, a definição de verdade em Frege? No entanto, essa é uma pergunta que Frege não oferece uma resposta, pois segundo ele, entidades logicamente simples (como

função, objeto, valores de verdade, etc.) não podem ser definidas. O que Frege apresenta, na verdade, é uma crítica à noção de verdade como correspondência, argumentando que essa definição leva a um regresso ao infinito.

Mantendo-se nessas questões epistêmicas e ontológicas discutidas do ensaio “O Pensamento”, Frege defende que a verdade não admite graus, i.e., um pensamento não pode ser “mais ou menos verdadeiro”, nem pode ser ora verdadeiro, ora falso. Dessa forma, Frege explica que a verdade de um pensamento não depende da nossa apreensão. Por exemplo, o pensamento expresso pela sentença ‘a Estrela da Manhã é a Estrela da Tarde’ era verdadeiro mesmo antes de se descobrir que ambos os termos (‘A Estrela da Manhã’ e ‘Estrela da Tarde’) tinham Vênus como a mesma referência. Ou seja, não é que o pensamento fosse falso antes da descoberta e depois se tornasse verdadeiro; o que ocorria é que, anteriormente, um pensamento falso estava sendo apreendido. Quanto a uma outra possível objeção à tese de que um pensamento não pode ser ora falso, ora verdadeiro poderia surgir ao refletirmos sobre sentenças que envolvem o que hoje em dia é conhecido como *fenômeno da indexicalidade*. Por exemplo, a sentença ‘a árvore está florida’ parece expressar um pensamento verdadeiro na primavera (em t_1) e expressar um pensamento falso no outono (em t_2). Para evitar esse tipo de objeção, Frege argumenta que o instante temporal em que a sentença é empregada faz parte da expressão do pensamento. Portanto, não se trata de um único pensamento que varia entre ser verdadeiro e ser falso, mas de dois pensamentos distintos.²

Nota-se, portanto, que o reconhecimento de uma verdade, em Frege, consiste no reconhecimento da verdade de um pensamento, sendo justamente o pensamento, conforme já mencionado na introdução, a base para sua tese acerca da possibilidade do conhecimento objetivo nas ciências. Além disso, conforme também apontamos na introdução, Frege defende a existência de um terceiro reino, ao qual pertencem as entidades abstratas objetivas que são, segundo ele, atemporais e inertes. Sendo os pensamentos pertencentes a esse terceiro reino, eles possuem todas essas características ontológicas. Dado isso, Frege explica que os pensamentos “se vestem” das formas perceptíveis das sentenças, o que nos possibilita apreendê-los. Frege, então, distingue o ato de pensar do ato de julgar e da asserção, sendo o pensar considerado como a apreensão do pensamento; o ato de julgar como o conhecimento da verdade do pensamento; e a asserção como a manifestação desse julgamento. Essas explicações nos levam a entender que entidades abstratas objetivas, como valores de verdade e o pensamento, são apreendidas por nós através de uma faculdade especial, a qual Frege denomina como Razão.

Diante de todos os resultados obtidos e das discussões realizadas, algumas questões surgiram e permaneceram sem respostas, sendo elas:

² Cabe mencionar que Frege também trata do fenômeno da indexicalidade de locais, onde o local faz parte da expressão do pensamento.

(A) Toda sentença assertiva expressa um pensamento ou somente aquelas que possuem como referência um valor de verdades? Por exemplo, a sentença ‘o atual rei da França é careca’ (que, segundo Frege, não possui valor de verdade) expressaria um pensamento?

(B) Sendo o pensamento, assim como as demais entidades do terceiro reino, atemporal e inerte, então como seria possível que um pensamento exercesse influência causal no mundo físico? Como nos casos dos pensamentos de leis mecânicas que faz com que se construam pontes, carros, etc. Frege apresenta a noção de *decisão* para responder essa questão, no entanto, o que realmente seria essa noção não é tão claro.

(C) Qual a natureza da relação entre o pensamento e entidades como o instante temporal e o local? Pois sabemos que, devido ao fenômeno da instauração, o sentido de um nome pode cair sob o sentido de uma expressão funcional. No entanto, se o pensamento não é insaturado, fica a questão de que tipo de relação o tempo e o local têm com ele.

(D) Frege seria um determinista lógico? Dado que, de acordo com sua tese sobre o pensamento, a sentença, por exemplo, ‘O Brasil ganhou a copa de 2002’ expressava um pensamento verdadeiro e, portanto, tinha como referência um valor de verdade mesmo antes do ano 2002.

BIBLIOGRAFIA

FREGE, Gottlob. ‘**Comments on Sinn and Bedeutung**’ (1892). In: BEANEY. M (ed.). *The Frege Reader*. Translation: Michael Beaney. Oxford: Basil Blackwell, 1997a, p. 172 -180.

FREGE, Gottlob. ‘**Function and Concept**’ (1891). In: BEANEY. M (ed.). *The Frege Reader*. Translation: Michael Beaney. Oxford: Basil Blackwell, 1997b, 130-148.

FREGE, Gottlob. ‘**On Concept and Object**’ (1892). In: BEANEY. M (ed.). *The Frege Reader*. Translation: Michael Beaney. Oxford: Basil Blackwell, 1997c, p. 181-193.

FREGE, Gottlob. ‘**On Sinn and Bedeutung**’ (1892). In: BEANEY. M (ed.). *The Frege Reader*. Translation: Michael Beaney. Oxford: Basil Blackwell, 1997d, p. 151-117.

FREGE, Gottlob. *The Foundations of Arithmetic: A logic-mathematical enquiry into the concept of number*. Translation: J. L. Austin. 2. ed. New York: Harper & Brothers, 1960.

FREGE, Gottlob. ‘**Thought**’ (1918). In: BEANEY. M (ed.). *The Frege Reader*. Translation: Michael Beaney. Oxford: Basil Blackwell, 1997d, e. 325-345.

FREGE, Gottlob. ‘**Comments on Sinn and Bedeutung**’ (1892). In: BEANEY. M (ed.). *The Frege Reader*. Translation: Michael Beaney. Oxford: Basil Blackwell, 1997d, p. 172 -180